



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 11, número 2, maio-ago. 2022

## “MISSA DA MEIA-NOITE”<sup>1</sup>: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DA PERSONAGEM BEV



### *MIDNIGHT MASS: A CRITICAL ANALYSIS ABOUT THE DISCOURSE OF THE CHARACTER BEV*

Flavio Biasutti VALADARES  
IFSP/Campus São Paulo, Brasil

Paola GENTILE  
IFSP/Campus São Paulo, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 23/12/2021 • APROVADO EM 17/06/2021  
DOI: 10.47295/mgren.v11i2.348

#### **Resumo**

O artigo aborda a construção da personagem Bev (Beverly), da série “Missa da Meia-Noite”, quanto às representações discursivas que ela apresenta na comunidade da Ilha Crockett e de como há uma legitimação do discurso por meio da mobilização de campos de poder. Para tanto, valemo-nos da base teórica amparada na Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001 [1992], 2003, 2004; FAIRCLOUGH; WODAK, 1997; MELO, 2011; MISOCZKY, 2005; WODAK, 2003, 2013; WODAK; MEYER, 2009) e adotamos como procedimento metodológico a recolha, com contexto suficiente ao nosso objetivo, de falas que envolvem a personagem em análise. Como resultados, afirmamos que a personagem Bev insere-se numa formação discursiva aliada à ideologia da Igreja Católica para manter e intensificar as

<sup>1</sup> Referência: *MISSA da meia-noite*. Direção: Mike Flanagan. Produção Netflix. Estados Unidos: Netflix, 2021. Streaming.

relações de manipulação e de poder que ela constitui na comunidade. Concluímos que, com os recursos linguísticos disponíveis, Bev estabelece a hegemonia do discurso religioso, silenciando falas contrárias e inferiorizando as que conseguem emergir em algumas interações sociais, obtendo êxito em seus objetivos de uma pretensa perspectiva de mudança para aquela comunidade.

---

## Abstract

---

This article addresses the construction of the character Bev (Beverly) of the miniseries “*Midnight Mass*”, considering the discursive representations she shows in the Crockett Island as well as how the mobilization of fields of power legitimates her discourse. This work is grounded on the constructs of Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2001 [1992], 2003, 2004; FAIRCLOUGH; WODAK, 1997; MELO, 2011; MISOCZKY, 2005; WODAK, 2003, 2013; WODAK; MEYER, 2009) and data collection was the methodological procedure adopted. Data were generated by collecting speeches involving the analyzed character in a context wide enough to reach the objective of this study. Results show that the character Bev is part of a discursive formation which is allied to the ideology of the Catholic Church to keep and intensify the relations of manipulation and power that constitute the community in focus. With the available linguistic resources, we conclude that Bev establishes the hegemony of the religious discourse and silences opposite speeches while lowering those that manage to emerge in some social interactions and succeeding to reach the aims of a supposed perspective of change for that community.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso. Representações discursivas. Legitimação discursiva. Campos de poder.

**Keywords:** *Critical Discourse Analysis. Discursive representations. Discursive legitimacy. Fields of power.*

---

## Texto integral

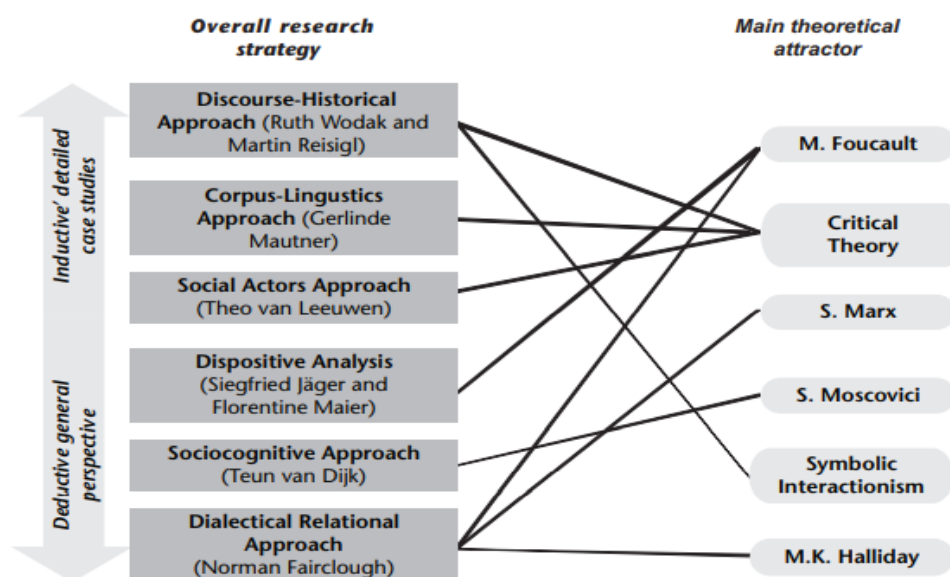
---

### Introdução

Neste artigo, propomo-nos a analisar, à luz da Análise Crítica do Discurso (ACD), a série da plataforma de *streaming* Netflix – “Missa da Meia-Noite” – na perspectiva de construção de representações discursivas na comunidade da Ilha Crockett, explanando sobre como se constitui a legitimação do discurso por meio da mobilização de campos de poder. Nesse sentido, nosso trabalho se mostra relevante ao aproximar o arcabouço teórico-metodológico da área do Discurso a um *corpus* que contribui para esse tipo de abordagem.

A denominação “Análise Crítica do Discurso” é divulgada, inicialmente, em um artigo publicado no periódico *Journal of Pragmatics*, por Norman Fairclough, em 1985. Sua consolidação ocorre a partir da década de 1990 quando acontece um simpósio em Amsterdã (1991), com a reunião de Teun van Dijk, Gunter Kress, Theo van Leeuwen, Ruth Wodak e Norman Fairclough. Desde então, conforme Melo (2011, p. 1337), o termo representa “a investigação de como os sistemas linguísticos funcionam na representação da realidade, na construção de relações e identidades e na estruturação, reafirmação e contestação de hegemonias”.

Wodak (2013, p. 22) lista seis abordagens e respectivos antecedentes epistemológicos relacionados com a Análise Crítica do Discurso (doravante ACD):



**Figure 1:** Summary of approaches in CDA and their respective epistemological background (adapted from Wodak & Meyer, 2009a)

Fonte: Wodak (2013, p. 22).

Em tradução livre, abordagens: Histórica do Discurso (Ruth Wodak e Martin Reisigl), Linguística de *Corpus* (Gerlinde Mautner), Representações de Atores Sociais (Theo van Leeuwen), Análise de Dispositivo (Siegfried Jäger e Florentine Maier), Sociocognitiva (Teun van Dijk) e Dialético-Relacional (Norman Fairclough). Neste artigo, seguimos fundamentalmente a linha teórico-metodológica de Fairclough.

Dentre esses sentidos, a ACD, no uso de Fairclough (2001, p. 89), deve reunir “a análise de discurso linguisticamente orientada e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, na forma de um quadro teórico [...] adequado para uso na pesquisa científica e social e, especificamente, no estudo da mudança social”. Ou seja, há no discurso o uso da linguagem como prática social, sendo a análise do discurso a análise de como os textos funcionam inseridos em práticas socioculturais.

Em outros termos, como defende Wodak (2003, p. 19), “uma explicação plenamente ‘crítica’ do discurso requer uma teorização e uma descrição”, isso tanto dos processos e das estruturas sociais quanto no que se refere à produção de um texto em suas estruturas e em seus processos sociais, confirmando, como indicia Misoczky (2005, p. 131), que “o discurso é sempre investido política e ideologicamente, podendo ser reinvestido de significados através de práticas que desarticulam e rearticulam novas ordens discursivas – novas hegemonias discursivas”.

Nesse ponto, cumpre-nos esclarecer que a ACD, segundo Melo (2011, p. 1338), tem sua atuação quanto ao conceito de sujeito “tanto propenso ao moldamento ideológico e linguístico quanto agindo como transformador de suas próprias práticas discursivas, contestando e reestruturando a dominação e as formações ideológicas socialmente empreendidas em seus discursos”. Desse modo, há uma conformação às formações discursivas/sociais que compõem o indivíduo, ao mesmo tempo em que existe uma resistência a elas, com sua ressignificação e reconfiguração, do que decorre a necessidade de contemplar a concepção

tridimensional do discurso, cunhada por Fairclough (2001, p. 101): “texto, prática discursiva (produção, distribuição, consumo) e prática social”.

Para Fairclough e Wodak (1997, p. 260), a ACD tem o discurso (o uso da linguagem na fala e na escrita) como uma prática social que implica uma relação dialética entre um determinado evento discursivo e a(s) situação(ões), instituição(ões) e estrutura(s) social(is) que o enquadram. Dessa maneira, compreendemos que um evento discursivo é socialmente constitutivo, bem como socialmente condicionado. Dessa forma, situações, objetos de conhecimento e identidades sociais e relacionamentos entre pessoas e grupos de pessoas tanto podem sustentar e reproduzir o *status quo* quanto transformá-lo.

Nessa perspectiva, apresentamos nossos objetivos para construir uma análise amparada na organização e no controle social/ação, representação e identificação, no âmbito discursivo, da personagem Bev, além de avaliar as construções e representações sob o viés de ideologias/dominação/estrutura social/práticas sociais decorrentes de ações dessa personagem. Justificamos nossas escolhas de abordagem com base na noção de que a personagem essencialmente se caracteriza como alguém que busca, via prática sociodiscursiva, manter a estrutura e o poder da sociedade de que faz parte, a fim de ampliar e respaldar suas influências e ações.

Desse modo, para a consecução de nossos objetivos, adotamos como metodologia a recolha de diálogos devidamente localizados em um contexto que averba a abordagem por nós proposta, por meio da seleção de uma cena do episódio *Livro III: Provérbios*, da minissérie “Missa da Meia-Noite”. Com base nessa escolha, elaboramos o procedimento de análise no qual apontamos as relações internas ao texto, como a estrutura gramatical, o vocabulário e as relações semânticas presentes no discurso de Bev, assim como as práticas e estruturas sociais e a relação com outros textos – mais proximamente à Bíblia.

Nossa proposta, então, advoga a ideia de que a ACD permite uma possibilidade de analisar o discurso que busca abafar ou desmerecer as diferentes manifestações de usos da linguagem no sentido de coibir as ameaças de mudança social que não interessam aos grupos que exercem o poder, visto que discursos constroem/desconstroem, além de constituírem distintas relações sociais e posicionarem, por isso, os sujeitos de diferentes modos.

## 1 Resenha da série

A minissérie “Missa da Meia-Noite”, com sete episódios, estreou em 2021, na plataforma de *streaming* Netflix, classificada como “terror”. O diretor, Mike Flanagan, tem obras de destaque nesse gênero, como “A maldição da residência Hill” e “A maldição da Mansão Bly”. Porém, é possível tomá-la também como uma crítica ao discurso autoritário religioso, que influencia não somente as decisões pessoais como os rumos da coletividade, sempre evocando o sacrifício pessoal em nome de recompensas espirituais numa pretensa vida eterna. É nesse ponto que se encaixa a análise do discurso da personagem neste artigo.

A história é desenvolvida em torno de fatos estranhos que começam a acontecer na Ilha Crockett, após o Padre Paul chegar para substituir o Monsenhor Pruitt, pároco local com idade avançada e problemas de saúde mental, que havia viajado à Terra Santa – um presente da comunidade. Contudo, à primeira vista, Pruitt não retorna devido a complicações de saúde.

Uma personagem se destaca logo no primeiro episódio: Beverly Keane, a Bev, acólita que toma conta da casa paroquial (estrutura, contas *etc.*), comanda os cultos na ausência do padre e tem ascendência sobre a comunidade. Ela dá conselhos pessoais, comanda a escola local e influencia os rumos da comunidade. Pela fala de outras personagens, infere-se que ela teria sido a responsável por convencer os moradores a aceitar indenização da empresa petrolífera responsável por um vazamento de óleo que acabou com a principal atividade econômica local – a pesca.

Do valor oferecido a cada família (“um presente de Deus”), ela teria pedido um percentual para a igreja, com a qual teria construído um centro de convivência batizado com o nome de Pruitt. Com seu discurso persuasivo e autoritário – a análise mais detalhada será feita adiante –, Bev torna-se relevante no enredo, principalmente quando assume o “marketing” dos milagres atribuídos ao padre Paul, vendo neles a possibilidade de aumentar a influência da igreja – e a sua própria – sobre os moradores e sobre a política local.

Na ilha, moram apenas as 127 pessoas que ali resolveram permanecer depois do vazamento de óleo. A maioria se foi. Entre os remanescentes, está a família de Riley Flynn, jovem que deixou o local para se aventurar no mercado de *startups* de tecnologia digital, mas que se tornou alcoólatra e se envolveu em um sério acidente com vítima, que o levou à prisão durante quatro anos.

As primeiras imagens da minissérie chocam o espectador, com a balada suave e romântica *And the grass won't pay no mind*, de Neil Diamond, fazendo fundo para a estarrecedora cena do acidente. Riley vai cumprir sua liberdade condicional junto à família. O pai dele, pescador, dá mostras de rejeitá-lo não somente por o filho ter “abandonado” a ilha como também pelos acontecimentos que o levaram à prisão.

Casos de mortes inexplicadas e milagres como rejuvenescimento e recuperação de doenças e paralisia são ambientadas em um espaço degradado não somente pela pobreza que assolou a ilha assim como pela falta de perspectiva das personagens em relação à coletividade e às ambições pessoais – portanto, fragilizadas e sujeitas a consumir um discurso que lhes ofereça qualquer tipo de perspectiva, nesta ou em outra vida.

Nesse ponto, é importante destacar que o espaço em que a trama se desenvolve é restrito (por ser uma ilha), sombrio e úmido; a paleta de cores que domina o cenário é composta de tons acinzentados, escuros e frios, delineando uma atmosfera bastante próxima à de terror.

Em meio a uma crise, Riley passa a frequentar o Centro de Convivência para ter sessões de conversa com Padre Paul, substituindo as reuniões dos Alcoólatras Anônimos que frequentava no continente. Sempre questionando os “milagres”, assim como a doutrina e os dogmas da Igreja, o jovem enfrenta Paul com argumentos racionais e de pouca fé.

Numa noite, Riley, contra a sua vontade, é mordido por um “anjo/demônio”, o que o tornaria imortal. Rejeitando essa ideia, o rapaz prefere acabar com a própria vida. Ele, por se apresentar pessimista e descrente, seria, na trama – juntamente com um xerife mulçumano –, um dos contrapontos ao discurso religioso autoritário.

Paul é, na verdade, Pruitt rejuvenescido. Ele almeja a graça da imortalidade para todos os fiéis – e, por isso, levou o anjo-demônio para a ilha, escondido em seu baú de viagem. A cada missa, ele mistura um pouco do sangue milagroso ao vinho que embebe a hóstia oferecida aos fiéis no rito da Eucaristia. Dessa forma, prepara os que comungam para morrer e ressuscitar para a eternidade.

Bev não se espanta nem se abala ao descobrir o esquema. Ao contrário, seus planos se agigantam e ela interpreta os fatos usando justificativas bíblicas: há os

escolhidos por Deus – aqueles que frequentaram a missa regularmente terão acesso à eternidade – e os infiéis e impuros – esses, como castigo, servirão de alimento para os zumbis.

O desfecho se dá na noite da missa que antecede a Páscoa, celebração da ressurreição de Cristo, data escolhida para que os fiéis tomassem ciência da possibilidade de serem imortais e concretizassem o plano de Paul/Pruitt. Depois do discurso inflamado do pároco, alguns aceitam a proposta, outros a rejeitam. Paul/Pruitt perde o controle da situação e Bev assume a liderança, incentivando que os agora vampiros caçassem os demais para garantir a sobrevivência.

Os que, mesmo sem almejar a imortalidade foram mordidos pelos zumbis, sacrificam-se. Antes, porém, tomam atitudes para que os demais não sobrevivam: Erin, a professora local, ao ser vampirizada pelo anjo/demônio, rasga-lhe as asas, o que impossibilita o voo e o expõe à luz do Sol; os demais ateiaram fogo à Igreja e ao centro de convivência (as outras casas da aldeia já haviam sido incendiadas a mando de Bev), não sobrando, portanto, abrigo para ninguém.

Somente duas pessoas sobrevivem: a filha do prefeito, que, recusando-se a morrer para ressuscitar, volta a ser parálitica – e o namorado dela, irmão de Riley e ex-coroinha de Paul/Pruitt. Ambos fogem de bote para o mar, testemunhando o fim da vila de longe.

## 2 Análise Crítica do Discurso: síntese teórica

Apresentamos uma síntese teórica do percurso conceitual utilizado em nossas análises: discurso, texto, ideologia, prática discursiva e prática social, mudança discursiva e mudança social, basilares para a consecução de nossos objetivos. Reiteramos, inicialmente, que, de acordo com Fairclough (2001), há dois tipos de relação que o poder estabelece com o discurso – no próprio discurso e por detrás dele, de maneira que qualquer evento discursivo envolve três dimensões simultâneas – o texto, a prática discursiva e a prática social.

É desse pilar que caminhamos para a descrição, interpretação e explicação dos eventos discursivos, selecionados como dispositivos metodológicos que garantem a cientificidade de nossa proposta. Nesse ponto, é importante destacarmos que Fairclough *et al.* (2004) opera com a ideia de que o termo “discurso” pode ser usado em vários sentidos, especialmente como um momento social sobre o qual acampa a ideologia, assim como discurso particular, em que figuram determinadas maneiras de construção – discurso feminista, discurso religioso *etc.*

Para além disso, o teórico traz a noção de que um discurso está na perspectiva de construção social dos significados, ampliando-se quanto ao uso linguístico apenas. Também, que existem formas diversas de crítica na análise do discurso, como a ligada à ideologia, na qual são focalizados os efeitos do discurso sobre estruturas sociais de poder.

Fairclough (2003) postula que os textos, sendo elementos de eventos sociais, não advêm simplesmente de efeitos potenciais definidos pelas linguagens. Para tanto, o teórico assevera que é necessário reconhecer entidades organizacionais intermediárias de um tipo especificamente linguístico, seus elementos linguísticos inseridos em redes de práticas sociais, a que ele denomina como ordens de discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001 [1992]).

Uma ordem do discurso, de acordo com Fairclough (2003), situa-se em uma rede de práticas sociais no que respeita à linguagem, sendo estes: discursos, gêneros

e estilos, de modo que esses elementos selecionam certas possibilidades dentro da organização social, agindo também para o controle da variação linguística. Nesse aspecto, o autor salienta que, à medida que se movimentam estruturas abstratas para eventos concretos, torna-se cada vez mais difícil separar a linguagem de outros elementos sociais, ou seja, constatamos, nesse processo, que se entrecruzam linguagem/não-linguagem e o discursivo/o não discursivo.

Nessa perspectiva, Fairclough (2003) arremata, afirmando que:

Quando chegamos aos textos como elementos de eventos sociais, a “sobredeterminação” da linguagem por outros elementos sociais torna-se massiva: os textos não são apenas efeitos de estruturas linguísticas e ordens do discurso, são também efeitos de outras estruturas sociais e de práticas sociais em todos os seus aspectos, de maneira que se torna difícil separar os fatores que dão forma aos textos. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 25, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Discursos, portanto, compõem os recursos que as pessoas investem nas relações umas com as outras – cooperando, competindo, dominando, buscando modificar tais relações. Podem, por isso, ser vistos não apenas como formas de representar com um grau de semelhança e estabilidade, mas também de constituição de pontos nodais na relação dialética entre a linguagem e outros elementos da vida social.

Quanto à ideologia, Fairclough (2003) explica que se trata de representações de aspectos do mundo no sentido de estabelecer, manter e mudar as relações sociais de poder, dominação e exploração, sugerindo que a análise textual deve compor com a análise social seus efeitos nas relações de poder. Para ele, “é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122).

Fairclough (2003), ao tratar de práticas sociais, considera-as como articulações de diferentes tipos de elementos sociais que estão associados a áreas particulares da vida social, exemplificando que qualquer prática social articula ação e interação, relações sociais, pessoas (com crenças, atitudes, histórias *etc.*), mundo material e discurso. Nesse aspecto, a relação desses diferentes elementos das práticas sociais, em sua visão, é dialética, explicitando que as relações sociais são parcialmente discursivas por natureza e que o discurso é em parte social, isto é, eventos sociais são contingencialmente moldados por redes sociais práticas, que delineiam formas particulares de ação.

Assim, como associação ao conceito e antecipando nossa análise na seção seguinte, ilustramos com a personagem Bev, que se apresenta com ações e interações (em sua comunidade), as quais encadeiam formas particulares de linguagem (discurso religioso invadindo o discurso do privado e do cotidiano, o discurso de outras práticas sociais), propagando suas crenças a quem ali está, principalmente na igreja e na escola (espaços físicos em que os discursos são elaborados), e constrói sua perspectiva de discurso – prática discursiva.

---

<sup>2</sup> No original: “When we come to texts as elements of social events, the ‘overdetermination’ of language by other social elements becomes massive: texts are not just effects of linguistic structures and orders of discourse, they are also effects of other social structures, and of social practices in all their aspects, so that it becomes difficult to separate out the factors shaping texts”.

Para finalizar nossa seção de síntese teórica, trazemos, resumidamente, uma conceituação sobre mudança discursiva e mudança social, com base em Fairclough (2001). Quanto à primeira, produtores e intérpretes combinam convenções discursivas, códigos e elementos de maneira nova em eventos discursivos inovadores, como indica o teórico, o que encaminha para uma espécie de produção cumulativa quanto a possíveis mudanças estruturais na ordem do discurso. De outra maneira, desarticula-se o discurso existente e rearticulam-se novas ordens de discurso, novas hegemonias discursivas. Tais mudanças estruturais, então, “podem afetar apenas a ordem do discurso local de uma instituição e afetar a ordem de discurso societária” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 128).

No caso das mudanças sociais, entendemos como relacionadas intimamente à mudança discursiva, mais precisamente a uma espécie de retroalimentação advinda de mudanças nos eventos sociais, por meio de práticas sociais, de redes de práticas sociais e de estruturas sociais, em que mudanças nas perspectivas textuais, nas ordens do discurso e nas linguagens implicam também mudanças nas práticas coletivas que tendem a socializar esse olhar do agente social. Contudo, aponta-nos Fairclough (2003, p. 2), “os agentes sociais não são agentes 'livres', são socialmente restritos, nem suas ações são totalmente determinadas socialmente”<sup>3</sup> (tradução nossa).

Dessa forma, passamos à próxima seção, na qual utilizamos os fundamentos de Fairclough (2001, p. 101) para nossa análise: texto, como materialidade discursiva; prática discursiva, na perspectiva do espaço-tempo de produção, do modo como se distribui e da maneira como se dá seu consumo; e prática social em que a personagem Bev se utiliza da construção de seu discurso, a fim de sustentar o poder que tem na sociedade de que faz parte, com vistas a fortalecer e respaldar suas ações. O fundamento, portanto, está conjugado na análise das práticas discursivas, dos textos e da prática social.

### 3 Análise e discussão

Inicialmente, descrevemos os procedimentos metodológicos que ancoram nossas análises. Antes, no entanto, esclarecemos que a ênfase nos aspectos linguísticos está relacionada a um recorte por nós realizado, ainda que outros elementos como vocais/entonacionais e visuais, no contexto de espaços arquitetônicos plenos de significados, por meio de textos híbridos multimodais e hipertextos, estejam, de algum modo, contemplados, mesmo que não efetivamente compondo nossa análise.

Adotamos a seleção de diálogos, como *corpus*, retirados de uma cena do episódio *Livro III: Provérbios*, da minissérie “Missa da Meia-Noite”. Com base nessa seleção, o procedimento abarca as relações internas ao texto, como a estrutura gramatical, o vocabulário e as relações semânticas presentes no discurso de Bev, além de práticas e estruturas sociais e a relação com outros textos – mais proximamente à Bíblia.

Assim, os eventos discursivos operam em conjunto, em uma rede de práticas sociais no que respeita à linguagem, a fim de estender os estudos críticos do discurso de modo a produzir abordagens que contemplam dois tipos de relação que o poder estabelece com o discurso – no próprio discurso e por detrás dele, de maneira que

---

<sup>3</sup> No original: “Social agents are not 'free' agents, they are socially constrained, but nor are their actions totally socially determined”.



qualquer evento discursivo envolve três dimensões simultâneas – o texto, a prática discursiva e a prática social.

Neste artigo, então, selecionamos o discurso de Bev numa reunião de pais na escola da comunidade, motivada pela distribuição de Bíblia aos alunos, o que gerou o protesto de alguns, principalmente do xerife<sup>4</sup> Hassan Shabazz, novo na cidade. Para Bev, ele representa uma ameaça ao discurso hegemônico da Igreja Católica não somente por ser muçulmano e ter outras práticas religiosas como, principalmente, por defender princípios republicanos como a laicidade da escola pública. Com isso, ele quer manter as questões da vida privada devidamente separadas das da vida pública – o que não interessa a Bev, que pretende continuar a ser a “mentora” pessoal e social dos poucos habitantes da ilha e influenciá-los nas mínimas decisões para manter o controle sobre eles.

Dessa forma, ela evita, como alerta Bajoit (2011), que qualquer mudança na vida social aconteça por influência de inovações práticas e discursivas que tragam, conseqüentemente, mudanças nos campos de poder. Na defesa da tese republicana, Hassan tem adeptos (ainda que tímidos). Bev percebe essa influência e usa estratégias para desqualificar o discurso dele, como veremos a seguir. Importante ressaltar que, no enredo, não fica clara a exata função de Bev na escola – se de professora, diretora ou mantenedora ou, simplesmente, palpiteira, entretanto fica evidente o lugar de tomadora de decisões unilaterais. Em outros termos, de acordo com Bajoit (2011),

as estruturas sociais e culturais que orientam e dão sentido às práticas também estão em relação funcional recíproca com as lógicas de ação, ou seja, com os comportamentos concretos dos atores: estruturas culturais produzem ações e ações (re)produzem estruturas culturais. No entanto, não é um elo determinístico, mas um condicionamento, isto é, uma causalidade probabilística (se tais e tais condições estiverem presentes, então é provável que). Isso implica que os atores têm uma margem de ‘liberdade’ e que não reproduzem necessariamente as estruturas que os fazem agir. (BAJOIT, 2011, p. 149-150, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Nesse sentido, podemos associar, de certa maneira, que a personagem Bev, dentro da estrutura social e cultural da comunidade em que vive, age e produz um discurso de forma a manter a hierarquia já imposta social e historicamente pela igreja, que ela representa e da qual é porta-voz e vigilante ativa dos valores e preceitos morais embaixadores das relações entre as personagens. De outro modo, como indica Bajoit (2011), há uma mudança social quando os que atuam em determinado campo de poder bloqueiam uma mudança (em seu campo ou em outros) e também quando há algum tipo de inovação para se adotar novas práticas, o que gera um caminho no qual a transformação em um campo de poder produz

---

<sup>4</sup> No Brasil, a função de delegado de polícia seria equivalente à de xerife nos Estados Unidos. Trata-se de um funcionário do governo que tem poder policial sobre uma determinada região.

<sup>5</sup> No original: “*Las estructuras sociales y culturales que orientan y dan significación a las prácticas están también en una relación funcional recíproca con las lógicas de acción, es decir, con las conductas concretas de los actores: las estructuras culturales producen acciones y las acciones (re)producen estructuras culturales. Sin embargo, no se trata de un vínculo determinista sino de un condicionamiento, esto es, de una causalidad probabilística (si tales y cuales condiciones están presentes, entonces, es probable que). Esto implica que los actores tengan un margen de ‘libertad’ y que no necesariamente reproduzcan las estructuras que les hacen actuar*”.

crises em outro(s) e retroalimenta a perspectiva de que a crise convida os atores sociais à mudança na sociedade.

Portanto, segundo Bajoit (2008), é na modificação de um dado estado de relações sociais que poderá haver a transformação social e cultural, tendo várias mudanças possíveis nesse percurso, como alteração nos tipos de coação, no modo de legitimar as coações, nas identidades coletivas, na lógica de gestão de si e na lógica de ação nas quais se observa mudança na forma como, tanto individual quanto coletivamente, as pessoas se comprometem com as mudanças e são comprometidas por elas.

Segue a íntegra do discurso de Bev na citada reunião na escola, lembrando que o texto aqui reproduzido tem como base a legenda usada na plataforma de *streaming* na qual a minissérie está disponível. A cena analisada está transcrita na íntegra, porém dividida em trechos para facilitar a localização das falas na análise que vem na sequência. Além disso, abaixo, frames de algumas das cenas do episódio selecionado.



**Dada a sua filiação religiosa, entendo**

**Figura 1: Trecho 1**

**Fonte:** “Missa da Meia-Noite”, Episódio *Livro III: Provérbios*.

Bev – Eu entendo que alguns estejam chateados, mas gostaria de ser a primeira a tranquilizá-los. Ninguém está tirando nada. Todas as matérias exigidas estão sendo lecionadas. Não mudamos o currículo, é importante esclarecer isso.

Xerife – Com todo o respeito, a questão...

Bev – **Dada a sua filiação religiosa**, entendo que talvez ache ofensivo o interesse de seu filho na Bíblia...



**Figura 2: Trecho 2**

**Fonte:** “Missa da Meia-Noite”, Episódio *Livro III: Provérbios*.

Xerife – Não mesmo.

Bev – ...creio. Mas eu diria que, se ele se interessa por Jesus, por que não deixar que ele aprenda um pouco?

Xerife – Essa não é a questão, obrigado pela oportunidade de esclarecer. Ele conhece tudo sobre Jesus.

Bev - Bem, imagino que nem tudo.

Xerife – Os muçulmanos acreditam que Jesus é um profeta de Deus, e que a Injil, a Bíblia, **foi revelada a Ele assim como a Torá foi revelada a Moisés antes**. Então, amamos Jesus. E amamos a mensagem que foi revelada.

Bev – Ah! Aprendemos algo novo a cada dia, não é mesmo?

Xerife – Também acreditamos que, depois da época de Jesus, graças à interferência dos homens, houve divergências no cristianismo. As pessoas alteraram a mensagem, Padres, papas, reis. É por isso que há tantas versões da Bíblia. As pessoas fizeram as alterações.

Bev – Não acho isso relevante.



**Figura 3: Trecho 3**

**Fonte:** “Missa da Meia-Noite”, Episódio *Livro III: Provérbios*.

Xerife – Mas acreditamos que a Bíblia contenha parte da palavra de Deus original.

Bev – É bem generoso.

Xerife – Também acreditamos que Deus revelou o Alcorão com mensagem final. Que jamais seria alterada. Para reafirmar as revelações dos profetas anteriores.

Bev – Não acho que seja o momento de discutir onde nossas crenças religiosas divergem.

Xerife – Exatamente! Aí está. É essa a questão. Por isso acho que alguns aqui, incluindo eu mesmo, estão preocupados. Os muçulmanos encorajam a busca do conhecimento, então fico tranquilo com meu filho estudando a Bíblia. Fico feliz, aliás. Também já fiz isso. Mas a questão é que esta é uma escola pública. Essa é a questão. O que preocupa alguns de nós, não é a Bíblia, mas o fato de que foi distribuída para as crianças aqui. Só peço que considere como se sentiria, se seu filho fosse a uma escola pública...

Bev – Xerife...

Xerife – ...e voltasse pra casa com o Alcorão, perguntando sobre o profeta Maomé. Você questionaria isso. Se eu sáísse distribuindo o Alcorão pras crianças da ilha, em nome da busca por conhecimento, você me expulsaria da cidade.



**Esta é uma escola pública.**

**Figura 4: Trecho 4**

**Fonte:** “Missa da Meia-Noite”, Episódio *Livro III: Provérbios*.

Erin – Posso... **Esta é uma escola pública.** E ele tem toda razão. Sou da mesma congregação que a maioria de vocês, então conhecem minha crença, mas ler a Bíblia na sala de...

Bev – Ora, xerife, é claro que eu não expulsaria você da cidade. E fico triste que pense isso de mim. Pessoas de qualquer fé, são todas da mesma família. Primos, até. Nunca foi a intenção de desrespeitar ninguém. Nunca, de jeito nenhum. É que... Ter uma Bíblia na sala de aula é como ler um livro de ciências ou de história...

Erin – Na verdade, é bem diferente.

Bev – As crianças se interessam ou não. Posso até ler uma passagem inspiradora durante a aula de vez em quando, mas não estou evangelizando. Estou

simplesmente compartilhando da minha fé com as crianças na esperança de que sejam inspiradas. Se tivéssemos um professor muçulmano que citasse o Alcorão às crianças, não teria problema desde que o texto não fosse ofensivo, e me perdoe por dizer isto, mas muitas vezes ele é. *[Xerife bufa]*. Não estou te atacando, xerife. Admito que a Bíblia Sagrada, o Antigo Testamento, principalmente, tenha passagens que não são apropriadas para crianças. Importantes para adultos, claro, mas eu jamais ditaria a história de Ló e sua esposa para crianças. Eu escolho cuidadosamente o que cito.

Erin – Não é isso que ele está...



**Figura 5: Trecho 5**

**Fonte:** “Missa da Meia-Noite”, Episódio *Livro III: Provérbios*.

Bev – O que é educação senão dar ao aluno a opção de aprender? Por que o medo de que leiam um texto específico? Vamos queimar livros que achamos meio controversos? Neste caso, atualidades, acontecimentos locais, requerem investigação aprofundada, não é? Eu vou dizer, não tem por que fugir ao assunto. Estamos vivendo um tempo milagroso. Aqui e agora, na Ilha Crockett. Há milagres de verdade acontecendo diante de nossos olhos na igreja. E esta comunidade, xerife, você devia saber, como responsável por esta comunidade, esta comunidade está vivendo um renascimento religioso neste momento. E se as crianças desta comunidade não puderem discutir isso na escola, bem, nem sei o que é isso. *[aplausos de parte dos pais presentes]*

No trecho 1, Bev inicia o discurso buscando estabelecer um ponto de identificação com a plateia e evitando nomear os “chateados” (para isso, usa o pronome indefinido “alguns”) com a distribuição da Bíblia e a leitura dela em sala de aula. O que pode parecer uma tentativa de criar empatia com todos os interlocutores acaba tendo um efeito de sentido de ironia, já que o discurso dela, como ficará evidente em toda a cena, tem como destinatário o xerife e quem, porventura, possa ser convencido por ele. Bev representa, ali, as normas informais sociais pré-estabelecidas, consideradas, por ela, as ideais para a comunidade. Já Hassan representa a fissura, o sujeito portador do discurso que pode abalar aquela ordem. Nesse ponto, considerando a representação discursiva, tem-se Bev como

cidadã munida de função eclesiástica, que se coloca como “a primeira” a proclamar a tranquilidade, usando para isso alguns recursos linguísticos.

Assim, com a substantivação do adjetivo numeral para referir-se a si mesma, por exemplo, posiciona-se à frente no tempo, no lugar e na ordem, a quem os demais devem seguir, mantendo, assim, o seu campo de poder já estabelecido historicamente na comunidade e agindo para a organização e o controle social. Com isso, Bev quer evitar que o tema principal (laicidade da escola pública) seja debatido e, antes que ele seja explicitamente citado, ela faz esforços para mostrar que a reunião não tem propósito, movimentando representação e identificação, no âmbito discursivo. Sua fala, portanto, segue uma série de orações justapostas, categóricas, duas delas usando elementos de negação (“ninguém” e “não”) que reforçam a ideia de inexistência – de polêmica, de problema e, por isso, não caberia um discurso que pudesse tentar irromper a ordem e as relações de poder; ou seja, não há motivos para mudança na ação social e na sua organização, evidenciando seu viés de ideologias/dominação/estrutura social/práticas sociais decorrentes de suas ações.

Na perspectiva de Bev, então, haveria um ganho, um acréscimo para os alunos (currículo mais o texto bíblico, logo, uma ampliação do conhecimento). Ela acredita que uma mudança social está em curso (“milagres acontecendo”) e isso justificaria a mudança discursiva no espaço público escolar para a inserção do discurso religioso, que, na visão do estado republicano, deveria se manter no âmbito do privado (família e igreja). Bev organiza sua fala, nesse aspecto, de modo a tentar convencer seus intérpretes de que se trata de uma transformação positiva, quando o que há é tão somente o fortalecimento do campo de poder em que ela atua, com a maior ingerência da Igreja Católica – e dela mesma – na vida privada de cada um. Com isso, Bev amplia e reforça as relações sociais de dominação e exploração, impondo uma representação de mundo que, segundo Fairclough (2003), compõe a ideologia dominante, sugerindo, então, a composição entre a análise do discurso e a análise da sociedade.

Outro ponto é o de que Bev não consegue impor o silêncio ao outro discurso com o descrédito no mérito da questão e, por isso, lança uma outra estratégia: a competição discursiva com o xerife. Para atacar os valores religiosos que possam quebrar a hegemonia da crença que ela representa, Bev interrompe a todo momento a fala de Hassan, invadindo o discurso dele com sentenças que levam a desvios do tema principal. Primeiro ela topicaliza a fé, para atribuir o posicionamento dele ao fato de ser muçulmano, que o diferencia do restante da comunidade (“Dada à sua crença religiosa...”); depois, ironiza com toques pretensamente bem-humorados que atribuem aos valores islâmicos um suposto desconhecimento e uma ignorância ingênua (“Bem, imagino que nem tudo”, quando o xerife alega conhecer os ensinamentos bíblicos; e “Ah! Aprendemos algo novo a cada dia, não é mesmo?”, quando ele expõe seu amor a Jesus). Ela considera irrelevantes os argumentos colocados pelo interlocutor (da interferência indevida dos homens – padres, papas e reis – no texto sagrado original) e apela à moral para adjetivar como ofensivo o texto do Alcorão (“texto ofensivo” e “passagens inapropriadas”, no trecho 4). Na tentativa de distanciar os textos religiosos citados pelo interlocutor (Injil - um dos quatro livros sagrados do islamismo, o Alcorão e a Torá), ela equipara somente a Bíblia a um texto científico – e, portanto, em sua visão, os demais seriam ficções e não mereceriam o mesmo destaque no currículo.

Nesse ponto, Bev vê seu domínio ameaçado pelo discurso do xerife, que representa aqui a tolerância e a aceitação das diferenças tão clamadas pelos grupos sociais que foram dominados pelo discurso da hegemonia de uma só crença e de um

só poder e, portanto, de uma só representação discursiva. Não há, no discurso de Bev, espaço para uma sociedade múltipla – a não ser que a multiplicidade permaneça como minoria silenciosa, sem ações nem discursos que ameacem a organização social vigente. Ela aciona, naquele espaço-lugar, estruturas abstratas para eventos concretos, o que remete a usos de linguagem associados a elementos sociais, movimentando a linguagem/não-linguagem e o discursivo/o não discursivo, a fim de que seus objetivos tanto de representações discursivas quanto de mobilização de campos de poder ganhem força, legitimando a ideia de que qualquer prática social move relações sociais e pessoas, construindo o discurso.

Além disso, como uma recorrente estratégia em sua prática discursiva, Bev modaliza sua fala com o uso de advérbio de dúvida (“talvez”), do tempo verbal futuro do pretérito (“diria”, “questionaria”) e do verbo de atividade mental (“imagino”) para sugerir um suposto respeito às diferenças e uma pretensa abertura de espaço para outras representações discursivas e novas organizações de poder. Tanto esses recursos linguísticos como a tentativa de aproximação com o interlocutor (“É bem generoso”, no trecho 3), poderiam levar a crer que há uma aceitação do diferente por parte dela. Porém, o efeito de sentido, considerando o contexto de produção e de distribuição do discurso, é justamente o contrário: colocar os discursos dissonantes do dela em posição de inferioridade. Ela utiliza, conseqüentemente, uma das maneiras não óbvias apontadas por Fairclough (2001) pelas quais a língua se envolve em relações de poder e dominação e em ideologias, unindo texto com as práticas discursiva e social.

No trecho 4, é importante destacar que Bev interrompe três vezes a fala da professora Erin, que compartilha da posição do xerife, contudo não mais no sentido de competição discursiva, mas de silenciamento. Por ser católica, praticante e presente em todos os rituais da igreja, Erin estabelece um ponto de identificação com os presentes – “(...) então conhecem minha crença, (...)”. Ela representa, aqui, o rompimento do dique por onde todo o poder de Bev pode escorrer: mesmo sendo uma pessoa ligada à igreja, Erin sai do domínio do discurso de Bev, adere ao discurso de Hassan na defesa de princípios republicanos (laicidade e aceitação das diferenças) e, ainda, como professora, representa a passagem de conhecimento de uma geração para outra, o que não interessa ao poder que Bev pretende ampliar dali para a frente. Por isso, ela continua a dirigir-se ao xerife (“Ora, xerife...”), submetendo Erin ao silenciamento.

Finalmente, no trecho 5, na conclusão da sequência de silenciamentos impostos a Erin, Bev retoma o discurso com perguntas retóricas para mostrar fatos nos quais nem ela mesma acredita, configurando um movimento falsamente propício ao diálogo. Ela formula questões para as quais não espera respostas dos interlocutores e que remetem a uma antítese (“milagres de verdade”). Nesse ponto, é importante destacar que, como Fairclough (2001) sugere na teoria, Bev estaria buscando o fortalecimento da hegemonia discursiva – e, portanto, da ordem social – propondo um pretensu discurso inovador que nada muda, uma vez que impede a desarticulação do discurso dominante e impede novas ações sociais que poderiam emergir com as falas de Hassan e de Erin. Com isso, Bev rearticula o discurso para o reforço do campo de poder já existente, estabelecendo a premissa de que detém o controle social e de que representa, via práticas sociais, o domínio daquela comunidade.

### **Considerações finais**

No percurso de nossa proposta sobre a construção da personagem Bev, selecionamos algumas de suas falas e elaboramos uma análise na qual há a presença de uma formação discursiva aliada à ideologia da Igreja Católica, com vistas a manter e a intensificar as relações de manipulação e poder naquela comunidade. Nesse ponto, no que se refere às representações discursivas que ela elabora na comunidade da qual faz parte e de como ela mobiliza campos de poder para a legitimação de seu discurso, verificamos que a personagem mantém seu domínio discursivo.

Desse modo, é possível concluirmos que, amparada na legitimação discursiva, Bev organiza e controla, valendo-se de suas ações, a teia de representações discursivas a partir de ideologias/dominação/estrutura social decorrentes de suas práticas sociais. Assim, com as interações construídas em sua comunidade, encadeia o discurso religioso com o discurso do cotidiano, dando vazão a suas crenças.

Ela faz uso, à vista disso, de sua perspectiva de discurso, implantando uma prática não somente para impedir uma fissura no discurso hegemônico da Igreja Católica, mas também para a ampliação do poder (dela e da Igreja) sobre a comunidade. Nesse aspecto, estabelece uma nova ordem que contrasta com o ideal de paz e harmonia aparentemente defendido pela religião, representada pela presença de uma autoridade que não compactua com a ideologia dominante.

Nesse sentido, constatamos que essa nova ordem está posta/imposta na relação com a violenta e sangrenta sobrevivência dos fiéis e com a eliminação dos não-fiéis, ou seja, trata-se de um discurso exortatório no qual, como sustenta Fairclough (2001), há descrições com intenções prescritivas encobertas, que visam a manipular as pessoas com base em representações.

Além disso, Bev tenta uma consolidação de seu poder político e social por meio de uma suposta mudança discursiva. No entanto, podemos afirmar que não se trata de uma ruptura, mas sim, de um reforço de seu ímpeto, sob a égide da Igreja, com a hegemonia do discurso religioso para o silenciamento de falas contrárias. Em outros termos, com a premissa de que detém o direito/dever de inferiorizar quem tenta se apropriar de outras formas de construção discursiva, como o estado laico, ela o faz de modo veementemente combativo.

Por fim, nossa proposta de analisar a série “Missa da Meia-Noite”, na perspectiva da Análise Crítica do Discurso, abarca consigo como essa materialidade é diversa quando se trata da constituição da legitimação do discurso por meio da mobilização de campos de poder. Além disso, vislumbramos que outras possibilidades de abordagem podem ser analisadas, ao considerarmos que os elementos de representação estética, arquitetônicos e externos, por exemplo, compõem, também, imbricações de ordem sociocultural.

---

## Referências

---

BAJOIT, Guy. El cambio sociocultural. *Persona y sociedad*/Universidad Alberto Hurtado, vol. XXV, n. 2, 2011, p. 143-161.

BAJOIT, Guy. *El cambio social, análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas*. Madrid: Siglo, 2008.



CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. 'Critical discourse analysis'. In: van DIJK, Teun A. (ed.) *Discourse as Social Interaction*. London: Sage, 1997. p. 258-284.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London and New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman *et al.* Introduction. *Critical Discourse Studies*, v. 1, n. 1, p. 1-7, 2004.

MELO, Iran Ferreira de. Análise Crítica do Discurso: modelo de análise linguística e intervenção social. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40 (3): p. 1335-1346, set-dez, 2011.

MISOCZKY, Maria Cecília. Análise Crítica do Discurso: uma apresentação. *Gestão.Org*, v. 3, n. 1, jan-abr. 2005, 125-140.

WODAK, Ruth. De qué trata el análisis crítico del discurso (ADC). Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (orgs.). *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003.

WODAK, Ruth. Critical Discourse Analysis: challenges and perspectives. In: WODAK, Ruth. *Critical Discourse Analysis – volume 1, concepts, history, theory*. London: Sage, 2013.

WODAK, Ruth; MEYER, Michael. Critical discourse analysis: history, agenda, theory, and methodology. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (eds.) *Methods of CDA*. London: Sage, 2009. p. 1-33.

---

### Para citar este artigo

---

VALADARES, Flavio Biasutti; GENTILE, Paola. "Missa da meia-noite": uma análise crítica do discurso da personagem Bev. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 2, p. 476-492, maio-ago. 2022.

---

### Os Autores

---

**Flavio Biasutti Valadares** é docente no IFSP/Câmpus São Paulo, áreas de Linguística, de Língua Portuguesa e de Metodologia da Pesquisa Científica. Pós-Doutorado em Letras (Estudos Lusófonos)/Universidade Presbiteriana Mackenzie-SP; Doutorado em Língua Portuguesa/PUC-SP; Mestrado em Letras (Estudos da Linguagem)/PUC-Rio; Especialização em Estudos Linguísticos; Graduação em Letras-Português/UFES.

**Paola Gentile** é graduanda em Licenciatura em Letras no IFSP/Campus São Paulo, bacharel em Comunicação Social-Jornalismo/ECA-USP e especialista em Formação de Escritores/Isevec.